

# FAZ SENTIDO UM PARALELO ENTRE NIETZSCHE E A METAFÍSICA?

## DOES IT MAKE SENSE TO DRAW A PARALLEL BETWEEN NIETZSCHE AND METAPHYSICS?

Robert Brenner Barreto da Silva<sup>1</sup>

### resumo

A vastidão de temas e o estilo agudo com o qual Nietzsche expressa seus pensamentos contribui para que ele seja estudado em múltiplos campos de investigação, não sendo trivial seu aproveitamento na literatura, estética, psicanálise, antropologia, teologia, ciências da religião e assim por diante. Quando se trata de áreas mais duras da tradição filosófica, tais como a epistemologia e, sobretudo, a metafísica, costuma-se destacar apenas a natureza crítica de suas reflexões. Isto é, fala-se de Nietzsche como sendo um antimetafísico. Do ponto de vista da história da filosofia, é recorrente e profícua a interface entre o supracitado e a hermenêutica e o existencialismo. A rigor, nessa perspectiva, é no mínimo incomum a referência a Nietzsche, em um sentido positivo, como um dos expoentes de um pensamento metafísico. Em verdade, *prima facie* seria um contrassenso afirmar que em sua filosofia há algum projeto ou pretensão metafísica. Na esteira do que alude Müller (1997), Mota (2009), Oliveira (2014), no entanto, a respeito de haver um teor metafísico presente no conceito nietzschiano de *vontade de potência*, almejo refletir, tendo por base o aforismo 36§ do capítulo "*Espírito Livre*" de *Além do Bem do Mal*, sobre a viabilidade de se realizar paralelos entre a compreensão de Nietzsche – mormente

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia (UFC), bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E-mail: [robertxplus@gmail.com](mailto:robertxplus@gmail.com)

expressa através da *vontade de potência* – e uma reflexão de ordem metafísica. Para tal, deve-se explicitar o que se entende por metafísica, qual a que o filósofo critica e de que modo o paralelo seria possível, isto é, em quais termos e limites.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metafísica. Nietzsche. Vontade de Potência.

## abstract

The vastness of issues and the penetrating manner of writing with which Nietzsche expresses his thoughts contributes to the fact that he is studied in many fields of investigation, so that is not trivial that his thought is utilized in literature, aesthetics, psychoanalysis, anthropology, theology, sciences of religion and so on. When we talk about certain subjects in the history of philosophy, such as epistemology and, above all, metaphysics, usually Nietzsche is mentioned only by his criticism to both. That is to say, he is considered as an anti-metaphysician. From the point of view of the philosophical history is recurrent and fruitful the interface between the aforementioned philosopher and the hermeneutics and existentialism. Thus, strictly speaking is at the *minimum* unusual to make reference to Nietzsche, in a positive meaning, as one of the metaphysical exponents. Actually, *prima facie* it would be absurd to assert that in his philosophy there is a project or even a pretension of metaphysical order. Nonetheless, following the Müller (1997), Mota (2009) and Oliveira (2014) train of thought concerning the hypothesis that there is a kind of metaphysics behind the Nietzschean concept of *Will to power*, I aim to reflect about the viability of making parallels between the Nietzschean philosophical understanding - in majority express by means of *Will to power* - and a reflection of metaphysical order, taking as reference the book *Beyond Good and Evil*, in the chapter on "The Free Spirit", specifically his aphorism 36§. To achieve this goal, it is necessary to define what it means to say that a certain kind of thinking is metaphysical, what type of metaphysics is criticized by Nietzsche and what parallels is possible to do between his thought and that of metaphysics, whether this is the case in what terms such relation makes sense.

**KEYWORDS:** Metaphysics. Nietzsche. Will to power.

---

## introdução

A proposta desse trabalho é analisar se de algum modo seria possível relacionar o pensamento de Nietzsche, especificamente o seu conceito de *vontade de potência*<sup>2</sup>, com uma espécie de

---

2 Entendo ser necessário pôr em destaque o conceito, como as letras maiúsculas poderiam produzir ambiguidades, optei pelo uso do itálico. Assim, visa-se a ênfase expositiva, sem motivações técnicas

abordagem metafísica, embora *prima facie* essa empresa seja em si mesma um contrassenso<sup>3</sup>. Para dar conta desse desiderato de natureza hipotética, faz-se necessário realizar um exame preliminar sobre o que é metafísica, a fim de evitar mal entendidos e proporcionar a eventual compreensão a respeito de uma distinção entre o que seria a metafísica negada por Nietzsche e outra que conceitualmente permitiria uma aproximação com o filósofo.

A tarefa de referir à *vontade de potência* é por si mesma controversa<sup>4</sup> e ela se torna ainda mais dificultosa se não é levada em conta a obra de Nietzsche como um todo, isto é, se não são consideradas as variações da *vontade de potência* ao longo dos textos. Desse ponto de vista, não estudar como essa noção aparece na multiplicidade dos escritos é pressupor que a lacuna interpretativa preexistente se torne ainda maior. Tendo em mente a advertência quanto a esse risco, contudo, intento concentrar a tentativa de estabelecer o supracitado paralelo a partir do aforismo 36§ documentado no *Além do Bem do Mal*, capítulo sobre o *Espírito Livre*. A escolha se deve ao empreendimento pontual e modesto de perceber didaticamente como a questão da metafísica pode ser posta e de que maneira esta se associa ao modo como Nietzsche parece construir sua filosofia. A elaboração paradigmática da *vontade de potência* ali encontrada, portanto, é alvissareira para o itinerário. Apoiado em bibliografia secundária, pode o leitor tomar nota da contextualização mais ampla dos argumentos pressupostos e de sua capilaridade na obra de Nietzsche. Ao final, pretende-se dispor de uma hipótese de leitura a ser explorada ulteriormente.

Ainda de modo preliminar, torna-se oportuno destacar que não se pretende realizar qualquer juízo de valor sobre se o pensamento de Nietzsche apresenta bons ou maus argumentos ou se seria melhor ou pior do que os modelos explicativos elaborados pela tradição filosófica. Trata-se de, à luz de uma compreensão mais abrangente de metafísica, analisar a viabilidade de conferir à reflexão nietzschiana um horizonte compreensivo de ordem metafísica, a servir de estímulo para que se estude a filosofia do alemão dentro do quadro teórico da metafísica, não apenas como uma negação dela, mas como uma das maneiras possíveis de compreender a realidade.

---

3 MORENO, 2009, p.367: "Pode-se afirmar que relacionar a filosofia nietzschiana com a metafísica constitui uma polêmica, visto que Nietzsche foi um dos maiores críticos dessa forma de pensar o mundo."

4 Sobre o caráter controverso do conceito e uma revisão de literatura concernente as suas múltiplas abordagens, leia-se: LANIER, 2017, grifo nosso: "But it is far from obvious what these "power-centers" [*relativas à Vontade de Potência*] are supposed to be, fundamentally, and much scholarly controversy concerns what kind of doctrine Nietzsche intended to advance, in the first place. Some readers take it as Nietzsche's version of a foundational metaphysics (see Heidegger 1961, Jaspers [1936] 1965, and for a sophisticated recent approach in the same broad vein, Richardson 1996). Others receive it as an anti-essentialist rejection of traditional metaphysical theorizing in which abstract and shifting power-centers replace stable entities (Nehamas 1985: 74–105, Poellner 1995: 137–98), or else as a psychological hypothesis (Kaufmann [1950] 1974, Soll 2015; Clark and Dudrick 2015), or a (quasi-)scientific conjecture (Schacht 1983; Abel 1984; Anderson 1994, 2012b). Opposing all such readings of the will to power as a doctrine in theoretical philosophy, Clark (2000, see also 1990: 205–44) reads the will to power as a strand of thought that makes no claim about the world, but instead expresses Nietzsche's values."

## o que é metafísica?

É muito comum em filosofia articular metafísica e ontologia como termos que refletem basicamente sobre os mesmos campos de estudo, a saber, o ser e os entes ou, de um modo geral, a realidade, na perspectiva da investigação do fundamento último para esses conceitos. Assim, são ideias filosóficas cuja significação tende a se esfumçar<sup>5</sup> - do ponto de vista de uma possível distinção entre elas -. Entretanto, entendo ser mais enriquecedor tratar esses conceitos como distintos, no que diz respeito ao ganho de capacidade explicativa proveniente deles.

Tal se pode justificar a partir de uma interpretação dos diferentes modelos teóricos propugnados pelos diversos pensadores da história da filosofia. Considerando uma definição elementar de ontologia, poder-se-ia caracterizá-la como um saber que lida com o "ser" (*ontos*), o que implica naturalmente investigar os entes, seus modos de ser, suas propriedades e qualidades. Não obstante, há outros paradigmas na história da filosofia - os quais precisam ser compreendidos - que são reconhecidamente metafísicos sem serem, em primeira instância, ontológicos. Leia-se a exposição:

[...] como bem mostrou Giovanni Reale em seus estudos sobre o pensamento antigo, a ontologia é somente um dos paradigmas metafísicos criados pela filosofia grega e desenvolvido sobretudo pela tradição iniciada com Parmênides, e que culminou com a reflexão aristotélica; porém, nos pré-socráticos, o problema da origem e do fundamento de todas as coisas foi formulado, com uma linguagem técnica de tons pitagóricos totalmente dissonantes com respeito à linguagem ontológica, a partir do confronto entre o Uno e o Múltiplo e da Identidade com relação à Diferença. Por essa razão, os historiadores da Filosofia, a partir de Etienne Gilson, adotaram o termo ontologia para indicar aquele peculiar modo transcendente de entender o princípio presente na tradição pitagórica e platônica. O princípio é entendido como o Uno absolutamente simples, superior a todo ser e pensar (contra Parmênides e contra Aristóteles, para os quais o Absoluto é sempre ser-e-pensar), por fim, como nada de tudo; como consequência, o ser e a inteligência são colocados em uma ideal hierarquia da realidade, não em primeiro lugar, mas em segundo e terceiro postos (BEZERRA, 2006, p.13).

No trecho acima, o autor nos remete aos pitagóricos, particularmente para a correlação entre Uno e múltiplo. Essa maneira de pensar a filosofia será muito importante para as correntes afluentes da filosofia da Academia, aquelas que tinham Platão por mestre, seja nos matizes medioplatônicos ou neoplatônicos, dos quais se poderia destacar Plotino, que pensava o Uno como princípio não principiado, isto é, como para-além-do-ser (*epékeina tês ousías*)<sup>6</sup>. Por isso,

---

5 PIRES, 1964, p.31: "As palavras Ontologia e Metafísica suscitaram sempre na historia da filosofia muitos problemas e hoje andam no vocabulário filosófico envoltas em penumbra. São Ontologia e Metafísica a mesma ciência? Se sim, que significa a distinção dos nomes? Se não, qual a diferença entre ambas? Poderá fazer-se uma Ontologia que não seja Metafísica ou uma Metafísica que não seja Ontologia?"

6 Cf. PLOTINO, IV, 4, 1, 8.

esse paradigma metafísico aludido é “henológico” e não “ontológico”<sup>7</sup>. O fundamento não é o ser, mas o Uno. Apenas posteriormente o ser poderá ser pensado a partir das bases teóricas proporcionadas pelo Uno.

A exemplificação dessa distinção filosófica poderia ser mais explorada, com a finalidade de encontrar outros exemplos e modelos válidos, mas, para manter o texto dentro de sua economia, basta assinalar que é possível estabelecer a distinção entre paradigmas metafísicos e ontológicos. Essa possibilidade contribui para abranger mais teorias filosóficas, enquanto a sua dissolução comprime o horizonte compreensivo acerca delas. Na esteira dessa reflexão inicial, torna-se necessário retornar um pouco na ordem de tratamento da questão para que se possa avançar. Como o termo “metafísica” foi constituído? O intérprete a seguir apresenta um apanhado introdutório interessante, do qual se fez a respectiva seleção:

Num certo sentido, a metafísica foi a primeira das disciplinas filosóficas, estando na origem do impulso científico e filosófico dos gregos da antiguidade. O termo «metafísica», contudo, não era usado pelos metafísicos da antiguidade, como Parmênides, Heráclito, os atomistas, Platão ou Aristóteles. Muitos deles davam às suas obras o título genérico «Sobre a Natureza» [...]. O termo «metafísica» foi um acidente histórico, ocorrido ou na Biblioteca de Alexandria, ou quando da edição das obras de Aristóteles no mundo romano por Andrônico de Rodes. Era necessário organizar tematicamente as obras de Aristóteles, e decidir onde por uma estranha obra dividida em catorze livros, com reflexões sobre aspectos fundacionais da realidade, do conhecimento, da lógica e da linguagem. A essa obra fora dada uma designação grega que significa “o que vem depois da física”, e essa designação inclui uma expressão que se tornou na nossa palavra «metafísica». A ideia, pois, era que a metafísica era aquela obra que se seguia à Física de Aristóteles, eventualmente por ter com esta algumas conexões. Mas o próprio Aristóteles chamava-lhe apenas «filosofia primeira». (MURCHO, 2016, p. 47)

Assim, a metafísica seria mais abrangente que a ontologia, esta última sendo uma disciplina daquela<sup>8</sup>, conforme introduzira Murcho<sup>9</sup>. Se historicamente a ocorrência do termo “metafísica” pode ser compreendida como ocasional, o que também não está livre de disputas<sup>10</sup>, a sua origem

---

7 A quem possa alegar, mediante determinada linha de argumentação, que tal paradigma não poderia ser incluído na metafísica, mas somente em uma forma obscura e não filosófica de “misticismo”. Contudo, essa classificação depende da consideração prévia de que metafísica e ontologia sejam a mesma coisa e que só podem refletir teoricamente a partir do Ser. Sem falar que há uma construção racional e teórica que caracteriza o pensamento do Uno como princípio não principiado. Não interessa aqui, entretanto, avaliar essa questão. Levando em conta a abrangência do que contempla o conjunto “metafísica” e o que ele de fato incluiu na história da filosofia, penso ser mais razoável pressupor a referida distinção, reconhecendo o projeto do Uno como metafísico. Pode-se discordar do mérito que ele propõe, o que é tarefa posterior à análise dele como um modelo válido de explicar a metafísica.

8 Deve-se registrar, contudo, que há projetos filosóficos que tentam propor ontologia sem metafísica, por exemplo, PIRES, 1964, p. 57: “os que aceitam a ontologia e recusam a metafísica (Hartmann) [...]”.

9 MURCHO, 2016, p.46: “A ontologia é uma disciplina da metafísica e visa estabelecer uma teoria das categorias. [...] Uma teoria das categorias poderá ter o seguinte aspecto (Lowe 2002:16): as entidades dividem-se, exaustiva e separadamente, em universais e particulares”.

10 PIRES, 1964, pp. 31-32: “O vocábulo Metafísica parece ter estado já em uso na Escola Peripatética para designar o conteúdo da obra de Aristóteles assim intitulada. Não tem fundamento absolutamente seguro a tradição, comum nos manuais de história da filosofia, que atribua origem do título Metafísica a impossibilidade em que se viu, no sec. I a. C, o editor das obras de Aristóteles, Andrônico de Rodes, de situar estes livros no conjunto do *Corpus Aristotelicum*. Assim,

conceitual aponta para as reflexões sobre os aspectos fundacionais da realidade. Movido por esse impulso intelectual, Aristóteles pensou esses aspectos fundacionais da realidade a partir do paradigma ontológico no qual a substância é o fundamento. Entretanto, do ponto de vista especulativo, talvez fosse possível que ele pusesse outros pilares para captar o real.

Dentre os principais paradigmas metafísicos é possível citar o monismo, o dualismo, a henologia, o idealismo, o hiper-realismo, o materialismo, o naturalismo; podem-se destacar as suas facetas transcendentais ou imanentes; e se estas, por sua vez, são explicadas por redes de causa e efeito ou não, se enfatizam a unidade e a identidade ou a pluralidade e a diferença. A ontologia seria o estudo dessa realidade a partir da categoria "ser", o que pode levar a outras categorias relativas aos entes, suas propriedades, qualidades e relações. No mais das vezes, a compreensão da realidade irá implicar a investigação sobre o ser, mas não necessariamente ou pelo menos não univocamente, em termos de instrumentos teóricos, vocabulários e premissas.

Desde quando se aprendeu – através dos diálogos socráticos<sup>11</sup> – que há uma tendência a se propagar o vício de investigação de responder a exigência de um conceito através de exemplos que pressupõem o conceito a ser definido<sup>12 13</sup>, legou-se a recomendação de avaliar a pergunta "o que é" a partir de uma dimensão mais anterior possível a qualquer forma de significação complementar. Em outras palavras, para se chegar ao que se diria ser o núcleo de um conceito, deve-se conceber uma ideia dele que possa ser aplicada aos seus diferentes contextos de uso. Nesse sentido, se o objeto de investigação for responder a pergunta "o que é metafísica?", enseja-se buscar o que há de comum entre os distintos casos conhecidos por metafísica.

Mais precisamente, por isso, a metafísica poderia ser conceituada como a reflexão de ordem teórica pela qual se pode compreender a realidade de forma abrangente, tendo em vista seus fundamentos primeiros. Se entendermos esse caráter abrangente da metafísica em comparação aos postulados ontológicos, e admitirmos que essa proposta conflua para aquilo que Aristóteles designou como "filosofia primeira" (*próte philosophía*)<sup>14</sup>, pode-se conjugar a

---

*Metafísica* significaria apenas o número de ordem da edição: «depois dos físicos». Investigações recentes contestam esta tradição e atribuem ao vocábulo, desde o início, um conteúdo real e problemático.

11 Nesse grupo de diálogos (cf. SANTOS, 1983, p.9), a pergunta "o que é" é chave para mostrar que aqueles que deturpavam autoridade sobre determinados assuntos, na verdade, eram ignorantes quanto à natureza básica daquilo que tratavam. Por exemplo: um legislador ou magistrado, embora elabore leis e julgue o que deveria ser considerado justo e injusto em seu cotidiano de trabalho, não necessariamente está apto a definir o conceito de justiça, se ele responder a essa pergunta apenas citando exemplos de justiça. Assim, acaba-se por expressar predicados constituintes da definição do conceito, os quais, todavia, não prescindem do conceito para que se possam compreendê-los como exemplos válidos dele.

12 Um dos critérios para uma boa definição é de que ela acrescente conteúdo explicativo, o que requer, dentre outras coisas, que ela não seja circular, pois, em conformidade com que é explicitado (IMAGIRE; BARROSO, 2006, p.27) "o *definiens* não deve pressupor o significado do *definiendum*".

13 ARISTÓTELES, Met. E1, 1026a24.

14 Da metafísica como filosofia primeira é útil para essa abordagem somente a sua primazia em relação ao que se pode construir a posteriori. Haja vista que o paradigma metafísico de Aristóteles vem a ser a de uma ontologia baseada na

tarefa básica da filosofia em seu caráter sistemático com a metafísica, do ponto de vista do que ela fora historicamente, que nas palavras de Oliveira (2014, p.7) assim se pode intuir: “a teoria filosófica como uma teoria da totalidade do Ser, como uma concepção global da realidade”; esse caráter da filosofia, então, pode ser associado à metafísica, se a considerarmos como “uma interpretação da realidade em sua totalidade” (Idem, p.29).

Ressalva-se que a noção de “totalidade” pode expressar a ideia de um conjunto fechado, por isso adoto como núcleo de pensamento a confluência entre metafísica e o impulso filosófico a ela subjacente de que se deve construir “uma concepção global da realidade” que pode ou não partir do ser, e que pode ou não chegar a ele. Ou seja, a metafísica, ao indagar sobre o que vem “primeiro”, exerce uma função explicativa de viés globalizante, ainda que nunca venha a determinar a realidade em sua totalidade e inteireza. É por razões como essa, inclusive, que poderíamos dar sentido ao diagnóstico oferecido pelo intérprete ora citado, que identifica em determinadas correntes filosóficas certas resistências a alcunha “metafísica”:

[...] todo teórico pressupõe, normalmente de forma implícita, certa visão metafísica como pano de fundo de seu trabalho. Talvez o melhor exemplo disso hoje seja a visão puramente materialista do real normalmente aceita pela maioria dos filósofos analíticos, mas não explicada e justificada (OLIVEIRA, 2014, p.5).

Na medida em que, por elas não proporem rigorosamente uma análise a partir das essências, das substâncias, de um ser transcendente à natureza ou de uma teorização da totalidade do real, elas entendem que estão partindo de outra perspectiva que não a da metafísica. Contudo, o que estas correntes filosóficas estão a fazer é construir um pensamento tendo por base pressupostos que se antepõem às investigações que se sucedem a eles, ou seja, uma maneira de compreender a realidade em sentido globalizante, o que há pouco se relacionou à definição da metafísica.

Nesse diapasão, a ideia não é apresentar um sentido exaustivo e inequívoco de metafísica, que permanece evidentemente como um problema filosófico a ser continuamente debatido, porém indicar o caráter comum e mais abrangente desse conceito quando entendido como a reflexão mais fundamental e primeira acerca da realidade. Esta acepção mais “enxuta” (soft) de metafísica permite ampliar o diálogo entre as filosofias sem perder de vista a sua legitimidade e precisão conceitual.

## **a formulação da vontade de potência no Além do Bem e do Mal**

No capítulo “o Espírito Livre” de *Além do Bem do Mal* há um aforismo muito interessante que trata,

---

substância, não seria possível nutrir expectativa de paralelo entre essa forma de metafísica e aquela que porventura se queira aproximar de Nietzsche, pois o alemão é crítico da metafísica essencialista ou substancialista.

dentre outras coisas, de uma crítica ao idealismo, por um lado, e a uma espécie de materialismo, de outro. No primeiro caso, tem-se uma concepção de real como aquilo que está por trás das aparências ou representações. No segundo, introduz-se a pergunta se a causa fundamental da natureza orgânica seria a mesma da inorgânica, quiçá se a configuração material do real seria a mesma da racional ou da vontade. Nesse aforismo se acha o conceito de *vontade de potência*, elaborado de uma maneira que é paradigmática ao anseio de investigar um possível diálogo entre a filosofia de Nietzsche e uma espécie de metafísica. Para que se depreendam adequadamente essas questões, pode-se dividir o texto em quatro partes. Na primeira delas, Nietzsche reflete sobre algumas propostas metafísicas da tradição:

Suposto que nada outro está "dado" como real, a não ser nosso mundo dos apetites e paixões, que não podemos descer ou subir a nenhuma outra "realidade", a não ser precisamente à realidade de nossos impulsos - pois pensar é apenas uma proporção desses impulsos entre si -: não é permitido fazer o ensaio e perguntar a pergunta, se esse "dado" não basta para, a partir de seu semelhante, entender também o assim chamado mundo mecânico (ou "material")? Não quero dizer [entendê-lo] como uma ilusão, uma "aparência", uma "representação" (no sentido berkeleiano ou schopenhaueriano), mas sim como algo da mesma ordem de realidade que nossa própria emoção -, como uma forma mais primitiva do mundo das emoções, em que ainda está encerrado em poderosa unidade tudo aquilo que em seguida, no processo orgânico, se ramifica e configura (e também, como é justo, se atenua e enfraquece -), como uma espécie de vida de impulsos, em que ainda todas as funções orgânicas, como auto regulação, assimilação, nutrição, secreção, metabolismo, estão sinteticamente ligadas umas às outras -, [entendê-lo, enfim] como uma pré-forma da vida? (NIETZSCHE, 1978, p. 274, *Além do Bem e do Mal*, 36§).

Pela leitura que Nietzsche faz da metafísica precedente, da qual ele nomeia apenas exemplarmente Berkeley e Schopenhauer, entende-se que o cerne dos problemas está em pressupor que haja um "real" para além do mundo que efetivamente vivemos em sua acepção mais instintiva. A investigação quanto à possibilidade de captar esse real oculto em uma espécie de coisa em si – em oposição dual ao que se nos apresenta – tende a se ancorar em uma análise racional, abstrata e especulativa. No entanto, até mesmo a razão é uma operação da vida e, como tal, está imiscuída de instinto e forças vitais nela atuantes. Não é uma entidade ou artifício autônomo capaz de colocar tudo em questão como se esta pretensão dela não tivesse que ser não apenas julgada, como inserida no todo da vida do qual ela faz parte.

Nesse sentido, Nietzsche argui pela diluição das polaridades em torno da ontologia e também se poderia dizer da epistemologia. De um modo ou de outro, o que há são vontades tanto no orgânico quanto no inorgânico. Essa ideia de vontade, entretanto, não pode ser confundida com a "minha vontade", ela deve ser compreendida como uma força vital que transpassa todos os níveis do que se está a supor como "real". Assim, nesse primeiro momento, percebe-se que

Nietzsche desloca a reflexão para uma análise unitarista do real<sup>15</sup>, porém esse ponto comum não é fixo nem imóvel; não é uma substância com tais e tais predicados, antes, é um parâmetro expresso pelos instintos e forças vitais, os quais introduzem a ideia que será desenvolvida a seguir: a de vida, e esta com o sentido primordial de devir ou de fluxo. Mas será que a força vital – a vontade - consegue dar conta do mundo mecânico e funcionar como uma espécie de causa eficiente?

Por último, não é somente permitido fazer esse ensaio: a partir da consciência do método, isso é exigido. Não admitir várias espécies de causalidade, enquanto o ensaio de bastar-se com uma única não tiver sido levado até seu limite extremo (- até a insensatez, com perdão da palavra): esta é uma moral do método, a que hoje não é possível esquivar-se; segue-se "por definição", como diria um matemático. A pergunta é, por último, se reconhecemos efetivamente a vontade como eficiente [...] (NIETZSCHE, 1978, p.274, *Além do Bem e do Mal*, 36§).

Na esteira da abordagem de reduzir o tecido explicativo a um único mundo e realidade, sem pressupor nada extramundano, coloca-se a indagação sobre qual seria a causa eficiente nesse cenário. Essa exigência, explícita Nietzsche, nada mais é do que um pressuposto metafísico fundado na crença de que de fato há causas e elas, sobretudo a eficiente, são responsáveis por dar conta da totalidade do real. Trazida a lume essa espécie de preconceção, o filósofo alemão "dança" conforme a música e admite que, no contexto ora articulado, deve-se levantar a hipótese de que a vontade atue não apenas sobre a própria vontade, mas também sobre a matéria. Ou seja, é viável a tarefa de ruir o polarismo ontológico?

[...] no fundo a crença nisso é justamente nossa crença na própria causalidade -, temos de fazer o ensaio de pôr hipoteticamente a causalidade da vontade como a única. "Vontade", naturalmente, só pode fazer efeito sobre "vontade" - e não sobre "matéria" (não sobre "nervos", por exemplo): é quanto basta, para termos de arriscar a hipótese, se por toda parte onde são reconhecidos "efeitos" não é vontade que faz efeito sobre vontade (NIETZSCHE, 1978, pp. 274-275, *Além do Bem e do Mal*, 36§).

Nietzsche, na parte final e mais decisiva de sua exposição, sublinha que há um problema em pauta, de modo que ele não propõe uma panaceia para resolvê-lo, mas hipoteticamente introduz a capacidade explicativa que uma ideia de vontade fundamental poderia exercitar em nossa compreensão do real. Se toda a vida pudesse ser explicada a partir de impulsos e forças vitais em múltiplas ramificações e implicações mútuas e mutantes, a vontade de potência poderia perfeitamente ser essa instância mais primordial, pois englobaria os distintos aspectos da realidade, não fazendo diferença entre ideal e real, racional e material. Nessa perspectiva, a proposição de Nietzsche é de que a exigência de "eficiência" poderia ser assimilada

---

15 SOUTHWELL, p.40: "So, when we look at biological life, or even the actions of inorganic matter , before supposing that there are at least two types of causation (that of the will, and that of physical cause and effect), we should at least try to see if one explanation won't do for both".

univocamente pela vontade de potência. Vide o excerto:

Suposto, enfim, que desse certo explicar toda a nossa vida de impulsos como a conformação e ramificação de uma forma fundamental da vontade - ou seja, da vontade de potência como é minha proposição -; suposto que se pudessem reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de potência e nela também se encontrasse a solução do problema da geração e nutrição - isto é um problema -, com isso se teria adquirido o direito de determinar toda força eficiente univocamente como: *vontade de potência*. O mundo visto de dentro, o mundo determinado e designado por seu "caráter inteligível" - seria justamente "vontade de potência", e nada além disso (NIETZSCHE, 1978, pp. 274-275, *Além do Bem e do Mal*, 36§).

Após colocar a *vontade de potência* como epicentro da vida, Nietzsche ousa pensar o que seria o fundamento do mundo - tanto em seu caráter "inteligível" quanto em sua acepção "mecânica"- e este seria precisamente a *vontade de potência*. Ao que ele arremata, de maneira elucidativa sobre qual a sua visão do mundo ou do real: "O mundo visto de dentro, o mundo determinado e designado por seu "caráter inteligível" - seria justamente "vontade de potência", e nada além disso".

## **Nietzsche e a metafísica: discussão interpretativa sobre 36§**

Embora o próprio Nietzsche não tenha querido se filiar a tradição metafísica que ele ataca duramente, o que se constata não apenas nesse excerto em estudo, mas também alhures<sup>16</sup>, não seria interessante ignorar a abrangência compreensiva que desempenha a noção de *vontade de potência* e a sua eventual relação com a metafísica. Movido por esta leitura, discuto brevemente a seguir textos complementares que sirvam de suporte para essa discussão.

A esse respeito, inclusive, Müller (1997, p.43-44) entende o caráter não metafísico atribuído ao filósofo alemão apenas em um sentido específico, isto é, aquele no qual se baseia Nietzsche para dirigir suas críticas à tradição: "do pensar não-metafísico de Nietzsche, falo apenas quando apresento, de modo imanente, seu entendimento de metafísica", o que não implica necessariamente negar qualquer tipo de vínculo com a reflexão metafísica, se tomada em si mesma e não como particular histórico: "Se compreendemos, porém, metafísica de modo mais abrangente, como o perguntar pelo ente em sua totalidade e enquanto tal, então temos que, segundo minha concepção, designar também Nietzsche como metafísico" (MÜLLER, 1997, p.44).

Nesse sentido, se for admitida esta leitura de Müller (1997), alinhada com Motta (2009) e Oliveira (2014), a qual esse trabalho corrobora - e doravante tentará explaná-la -, o estudioso de filosofia teria que levar em conta, dentre as inúmeras propostas metafísicas existentes, aquela

---

16 MORENO, 2009, p.368: "Essa postura antimetafísica é clara na terceira fase da filosofia nietzschiana".

de Nietzsche. Não apenas pensada como empresa crítica<sup>17</sup>, mas prioritariamente como um modo específico de encarar aquilo que se chama de realidade. No caso, um dos fulcros das provocações filosóficas de Nietzsche é chamar a atenção para o fato de que não somos sujeitos livres, dotados de uma consciência capaz de dominar a nós mesmos, aos outros ou a natureza; antes, somos parte de um conjunto de forças que se poderia didaticamente referir por "vida".

Em outras palavras, não é a essência extramundo, nem a subjetividade, nem mesmo a natureza em um sentido moderno de todo mecânico, que devem ser o ponto de partida de nossos esforços, mas a compreensão de que a *vontade de potência* está na base de todos os anseios e projetos e mesmo da compreensão racional que se supõe ter sobre essa mesma realidade, conforme se revelou pela leitura de 36§. A posição de Müller, então enunciada, é desenvolvida e aperfeiçoada com maestria por Mota (2009), que sintetiza o argumento por intermédio da respectiva exposição:

Dizer que a metafísica é a pergunta pelo ente em sua totalidade equivale, num certo sentido, a dizer que a metafísica é uma teoria geral do mundo, uma interpretação global do mundo, uma teoria do real em geral. [...] A vontade de poder é uma hipótese de interpretação global do mundo, de caráter universalizante, de máxima abrangência, e que não se restringe kantianamente a mera epistemologia. E o que é isto senão uma metafísica? Se temos de redefinir um termo que redefinamos este: metafísica; e que assim ponhamos às claras todos os riscos e perigos a serem enfrentados na empreitada de uma tal redefinição. Assim, enquanto é uma interpretação global do mundo, uma teoria do real em geral, a vontade de poder é uma metafísica (MOTA, 2009, pp.44-46).

Se a metafísica tradicional, a ciência e todas as formas de saberes, antes de se postularem a ocupar determinada posição de autoridade epistêmica em relação umas às outras, for consentido que estas empresas sejam artefatos humanos, deve-se apontar a *vontade de potência* como mais prene de explicação. Tal se justifica pelo fato de que nenhuma dessas abordagens está isenta de interesse, desejo ou valor. Antes, contudo, cada uma delas possui uma prerrogativa de se afirmar, o que invariavelmente leva a negação de outra força que lhe obstaculize. Assim, o cristianismo, a filosofia tradicional, a ciência, a teologia, a política ou quaisquer que sejam os projetos teóricos, cujas bases constitutivas carregam consigo um caráter eminentemente moral (isto é, não prescindem da valoração de bem e de mal, ou de bom e ruim, pior e melhor) podem ser investigados genealogicamente a partir da *vontade de potência*.

A crítica à metafísica que Nietzsche tem em mente pressupõe, sobretudo, aquela que se inicia no pensamento socrático-platônico, que perpassa a escolástica e o medievo, e chega ao pensamento alemão de seu tempo, cuja influência mais significativa é Kant, Hegel e Schopenhauer, mas não apenas. Esses projetos muito diferentes entre si fizeram reforçar uma

---

17 SAMPAIO, 2013, p.80: "Há outros, como Michel Harr (*Nietzsche et la Métaphysique*) e Peter Poellner (*Nietzsche and Metaphysics*), que interpretam o pensamento de Nietzsche como um exitoso projeto de 'superação da metafísica' ". Para uma apresentação mais completa dos textos de Nietzsche e sua recepção metafísica, recomenda-se o estudo citado.

visão da realidade dividida entre mundo aparente e real, coisa em si e fenômeno ou simplesmente como um sistema totalizante. O intérprete expõe o *status quaestionis* desse embate:

Hoje, também entre nós, exerce grande influência o confronto de Nietzsche com a metafísica ocidental. Para ele a metafísica é simplesmente uma ilusão que precisa ser desfeita. A metafísica é a expressão da duplicação idealista do mundo na medida em que interpreta a realidade enquanto cindida entre um "em si", o mundo inteligível que está por detrás das coisas aparentes, e o mundo que nos aparece. Por esta razão, a primeira tarefa do pensamento é o esclarecimento psicológico dessa ilusão a fim de destruir a "quimera do além". Toda metafísica, assim, não passa de idealismo, e o metafísico não pode mergulhar no coração do mundo, conhecer a coisa em si, porque a própria crença numa coisa em si é meramente uma superstição dos metafísicos, que negam a verdadeira vida dos humanos (OLIVEIRA, 2014, p.28).

Há um traço em comum a eles também, que concerne à natureza abstrata e especulativa de seus empreendimentos, sempre dando primazia à razão como fonte de autoridade capaz de oferecer ao homem a centralidade e a capacidade de senhorio sobre si mesmo e a natureza. Nessa perspectiva, há um anseio de estabilidade e fixidez que vem a enfraquecer a vida, cuja potência é dinâmica e fonte de devir.

Nessa linha de raciocínio, o intérprete destaca a retomada de Heráclito por parte de Nietzsche, a fim de explicitar sua crítica à metafísica enquanto paradigma assentado sobre a ideia de um dualismo essencialista. Com isso em mente, em outro momento da obra do alemão, torna-se possível antever certo entendimento metafísico particular ao filósofo - em distinção ao que propuseram os pensadores posteriores a Heráclito. A saber, Nietzsche entende que é mais fundamental depreender da realidade o devir e sua natureza mutante, do que atribuir a ela predicados mais complexos e estanques:

Heráclito concebeu a *unidade como a unidade do devir*, e não do ser, por isto não precisou pensá-la como oposta ao mundo da multiplicidade, mas sim imanente a ele. A imanência da unidade à esfera da multiplicidade, e a conseqüente negação da bipartição metafísica do mundo, é o que Nietzsche sintetiza na fórmula O um é múltiplo (BENCHIMOL, 2002, p.48).

Tendo em vista a multiplicidade de aplicações de tal ideia no corpo da filosofia de Nietzsche, parece razoável supor que ele desempenhe um papel central no tocante ao modo como se pode compreender a realidade e os diferentes saberes que se propuseram a lidar com ela. O que é precisamente uma das tarefas mais primordiais da metafísica, a saber, proporcionar uma propedêutica que sirva de mote para compreender a realidade. Esse arcabouço pode ser o ser, o para-além do ser, ou, no caso, a *vontade de potência*. A consulta ao estudo de metafísica realizado a esse respeito se faz pertinente:

Nietzsche propõe uma nova leitura da realidade em seu todo, uma nova visão do mundo: ela é "vontade de potência", isto é, um jogo complexo de forças em luta recíproca [...]. Isso significa dizer que, na multiplicidade das forças vitais, manifesta-se

sempre a vontade de potência em suas infinitas ramificações, mas se pode afirmar igualmente que é a vontade de potência que se revela nas forças físico-químicas do mundo inorgânico. Por isso, Nietzsche pode dizer que o mundo é uma imensidade de força sem começo nem fim [...] (OLIVEIRA, 2014, pp.28- 29).

Em última instância, nessa acepção metafísica enquanto compreensão globalizante da realidade, a *vontade de potência* seria anterior ao que estuda a metafísica tradicional, a ética, a política ou teologia, uma vez que todas apresentam uma compreensão das forças vitais a partir de princípios exteriores à condição elementar do homem - ou se poderia dizer "às condições de possibilidade" -, que é ser atravessado pela *vontade de potência*, a partir da qual emergem todos os artefatos posteriores enquanto meios explícitos ou implícitos de aumentar a sua própria potência ou de negá-la através de ressentimentos, opressões ou distorções dessas forças vitais que a tudo sujeitam sem serem sujeitadas.

O pesquisador Manfredo Araújo, em sua obra *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo* (cf. OLIVEIRA, 2014), já citada ao longo deste trabalho, elabora um rico panorama histórico-filosófico a servir de referencial dialógico para a compreensão da atualidade da investigação metafísica. A hipótese de leitura aqui exercitada é em parte uma explicação mais "passo-a-passo" da que Oliveira esboça de maneira sintética, é também um endosso ao que ele defende, idem pode ser assimilada como um adendo compreensivo, na medida em que aqui se tenta desenvolver o raciocínio com maior atenção ao possível questionamento sobre se a referida leitura não abriria margem para qualificá-la como uma interpretação demasiado ampla em sua pretensão de inferência, por atribuir uma metafísica da "totalidade" a Nietzsche. Em relação a isso entendo ser necessário delimitar melhor o que significa dizer que há uma metafísica em Nietzsche. Antes, porém, leia-se a exposição do intérprete:

[...] um oceano de forças desencadeadas contra si mesmas e eternamente em mudança, um devir que não conhece saciedade. O que Nietzsche rejeita da metafísica da tradição é seu dualismo essencial entre mundo inteligível e o mundo sensível, pois para ele não há dois mundos, mas um único e mesmo mundo que a vontade de potência permite interpretar em todos os seus níveis. Numa palavra, ele não rejeita a pretensão de uma interpretação da realidade em sua totalidade, ou seja, uma metafísica - o que, contudo, só é possível através da superação dos dualismos que a filosofia moderna produziu (OLIVEIRA, 2014, p.29).

Uma vez assente o princípio interpretativo de que Nietzsche critica a metafísica da tradição, deve-se ter em mente que com isto o filósofo pretende solapar os fundamentos de uma especulação sobre o ser em sua totalidade, seja através de conceitos como substância ou essência, seja por intermédio de um monismo ou dualismo primordial. Ao cumprir papel análogo a essas noções criticadas por Nietzsche, o conceito de *vontade de potência* pode oferecer um paradigma de compreensão da realidade ou do mundo em uma perspectiva globalizante e primeva.

Para que essa empresa seja mais modesta, contudo, penso ser mais razoável eleger o caráter

“globalizante” como alternativo ao preceito de “totalidade”. O real não parece se expressar como complexo de categorias e entidades, a se dimensionar como um todo sistemático. O real é o âmbito abrangente das forças vitais cuja compreensão primeira se dá pela *vontade de potência*. Pelo menos no que diz respeito ao relevo desse aspecto “abrangente” da conceituação proposta, parece que Mota (2009, p.44) estaria em acordo quando expressa: “Dizer que a metafísica é a pergunta pelo ente em sua totalidade equivale, num certo sentido, a dizer que a metafísica é uma teoria geral do mundo, uma interpretação global do mundo, uma teoria do real em geral.”

## considerações finais

Após ter sido empreendida uma análise sobre o que é metafísica, em seu sentido mais abrangente e distinto da ontologia, pelo menos a priori, enquanto modo específico de fazer metafísica, pôde-se realizar um paralelo entre essa reflexão como investigação teórica de caráter primevo e globalizante da realidade e a filosofia de Nietzsche. A metafísica do alemão estaria assentada sobre o conceito de *vontade de potência*. Isto é, fez-se uma análise pontual do aforismo 36§ de *Além do Bem e do Mal* e de sua recepção crítica através dos supracitados intérpretes. Em termos ontológicos tradicionais, acham-se uma série de paradigmas que o filósofo alemão quer criticar, tais como o dualismo e o essencialismo, o que acaba por se confundir com a metafísica como um todo. Ou seja, infere-se que Nietzsche é antimetafísico por ele se contrapor à metafísica da tradição.

Entretanto, à luz de um exame acerca da natureza da metafísica enquanto concepção fundamental da realidade, tornou-se viável cogitar o paralelo entre o referido conceito de *vontade de potência* e uma empresa metafísica no pensamento de Nietzsche. Desta feita, se nos compêndios de filosofia não se encontra um paradigma metafísico associado ao pensador alemão, poder-se-ia introduzi-lo, na medida em que o filósofo propõe uma espécie de metafísica do devir ou simplesmente da potência da vida e isto viria antes de tudo.

## referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

BENCHIMOL, Márcio. *Apolo e dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 2002.

BEZERRA, Cícero. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis: VOZES, 2006. 152p .

IMAGIRE, Guido; BARROSO, Cícero. *Lógica: os Jogos da Razão*. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

LANIER, Anderson. *Friedrich Nietzsche*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2017 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/>

sum2017/entries/nietzsche/>. Acesso em: 14/12/20.

MORENO FILHO, J. *Nietzsche e a Metafísica*. In: Kleber Carneiro Mora [et all] (Org.). *Extratos Filosóficos - 10 anos do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 367-374.

MOTA, Thiago. *Nietzsche e a Vontade de Poder: uma Metafísica Política*. *Revista Estudos Filosóficos*, v. 2, p. 50-67, 2009.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997.

MURCHO, Desidério. *Metafísica*. In: *Filosofia: uma introdução por disciplinas*. Org. Pedro Galvão. [et al.]. Lisboa: Edições 70, 2016, pp.45-97.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do Mal*. *Obras incompletas – Friedrich Nietzsche*. Trad. Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OLIVEIRA, Manfredo. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014.

PIRES, Celestino. *Ontologia e Metafísica*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 20, Fasc. 1/2, *Estudos de Filosofia* (Jan. - Jun., 1964), pp. 31-61.

PLATÃO. *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Tradução, Introdução e Notas de José Trindade Santos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa Moeda, 1983.

PLOTINO. *Enéadas*. Traducciones y notas de J. Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

SAMPAIO, Evaldo. *Nietzsche é um antimetafísico?*. *Dissertatio (UFPel)*, v. 38, p. 79-95, 2013.

SOUTHWELL, Gareth. *A beginner's guide to Nietzsche's Beyond good and evil*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.